

## A essencialidade de *Vidas Sêcas*

A publicação da 30.<sup>a</sup> edição de *Vidas Sêcas*, de Graciliano Ramos, dá o que falar (\*). Menos a edição em si; nada tem de novo. E mesmo êsse fato editorial só alcançado pelos *happy few* da Literatura Brasileira — 30.<sup>a</sup> edição — tem importância relativa. Porque êsse romance é hoje um dos textos favoritos para o estudo romanesco, prestigiado em todo o País do ginásio à universidade. (Só em 1971, 40 mil exemplares vendidos.) Mas nessa escolha, precisamente no seu «por que?», aí está aquilo que faz de *Vidas Sêcas* assunto para investigar sobre os pontos dos is. Afinal, a melhor crítica tem comprovado, na obra do próprio GR, a superioridade estética da construção do romance *S. Bernardo* (realmente maior).

Para o sucesso de público, explicando a estima coletiva, sem dúvida terá influído, parcialmente, a magnífica recriação cinematográfica de Nelson Pereira dos Santos (1964), premiada aqui e além. Coincidentemente, nessa época o romance recebia o prêmio da Fundação Faulkner, nos Estados Unidos, onde veio a ser publicado simultaneamente à edição em alguns países europeus. E da 9.<sup>a</sup> edição brasileira em 1963 (25 anos após seu aparecimento), a trajetória pública de *Vidas Sêcas* atingiu nos últimos 10 anos a média de duas edições anuais. Hoje, não só e todo o discutido por estudantes. É talvez um dos romances brasileiros mais carinhosamente estimados em suas 130 páginas de letra graúda. Cabe mesmo parafrasear Manuel Ban-

deira quando falava da “Canção do Exílio”, para dizer: raro o brasileiro de nível ginásial que não lhe conheça o enredo.

Mas será que a ressonância dos estudos acadêmicos, ou do filme, explica a predileção por *Vidas Sêcas* (e não por *S. Bernardo*, na obra de GR) como um dos livros brasileiros mais estimados? E por que essa predileção nos estudos acadêmicos? Não haveria algum motivo próprio às coisas essenciais para justificar essa preferência quase compulsiva por um romance de história árida, aparentemente superficial, de personagens secos e sofridos, com uma cachorra mais cabível em contos infantis?

Suponho que exista alguma razão decorrente do essencial à condição humana. Já não se trata da simpatia advinda de um sentimento de compaixão novelesca, quase clichê, que se desenvolveu coletivamente, graças ao noticiário cíclico da calamidade, para com “os retirantes miseráveis da seca do Nordeste”. Isto seria buscar o episódico e o fotográfico no romance. (Aliás, está mesmo morrendo êsse sentimento nas pessoas que percorrem o Nordeste em estradas asfaltadas. Se encontraram miséria, e de fato a séria ainda não acabou, não é aquela miséria-clichê que o Nordeste inspirava, para que, aliviando a consciência, comentássemos o contraste com o Sul.) Ademais, o regionalismo pictórico da imagem dos retirantes tenderá a desaparecer. E assim, portanto, nesse raciocínio, justo seria supor que a estima a *Vidas Sêcas*

fôsse — ao contrário do que tem acontecido — proporcionalmente decrescente à medida que desaparecesse seu cenário cristalizado.

Cabe então asseverar que o sentimento mágico que nos leva a estimar *Vidas Sêcas* seja a empatia humana que se manifesta ao ler o livro. Compreendemos então a inquietante antítese gerada por Graciliano Ramos. De um lado, Fabiano, Sinhá Vitória, os meninos — vivendo como bichos, «falando» como bichos, pensando como bichos; do outro lado, a cachorra Baleia — sentindo como gente, «pensando» como gente, generosa como gente deveria ser. Essa força antitética de *Vidas Sêcas* entrapola sua historicidade regional. E então, pela mediação estética e a dialética literária para com os sentimentos e os valores humanos, captamos dolorosamente as incongruências do curto raciocínio de Fabiano, os pequenos desejos de uma cama ou do vestido encarnado em Sinhá Vitória, e as interrogações dos meninos como sendo essencialidades necessariamente próprios da condição humana. *Sine qua non*. Dessa forma, o fenômeno da seca ganha no leitor um significado talvez inconscientemente maior como matéria estética e humana, e não como fenômeno ecológico.

Por êsse modo de entender, ao

contrário das histórias de retirantes de Antônio Sales, Rodolfo Teófilo e, em certo sentido, de Rachel de Queiroz — tangenciantes à problemática temporal e social —, ao contrário delas, sem aquele alcance mediador, *Vidas Sêcas* em 30.<sup>a</sup> edição representa (chego a pensar) menos um apogeu nos estudos gracilianos que apenas um momento de um romance que terá longa trajetória e uma atualidade simbólica reconhecida décadas afora. No futuro, da mesma forma que um *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado, um *Senhora*, de Alencar, ou um *Fogo Morto*, de José Lins, ele representará a presença de fenômenos humanos permanentes recriados visceralmente no contexto brasileiro.

Que mais definiria brasileira-mente uma obra estética maior?

(\*) RAMOS, Graciliano. *Vidas Sêcas*. 30.<sup>a</sup> ed. Introd. de Álvaro Lins. S. Paulo, Martins, 1972. 172p.

(Mesmo que a coincidência não tenha sido proposital, queremos deixar registrada aqui nossa homenagem por ocasião do 80.<sup>o</sup> aniversário de nascimento de Graciliano Ramos — 1892-1953).

DAVID SALLES